



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de comemoração do aniversário de 50 anos do Sindicato dos  
Metalúrgicos do ABC**

**São Bernardo do Campo-SP, 12 de maio de 2009**

Eu saí de perto da Marisa porque quando eu começo a falar demais ela puxa o meu paletó. Então, eu saí. Às 10h30 em ponto eu tenho que sair daqui porque o avião está parado no aeroporto de Congonhas, e depois das 11h eu não posso levantar voo. Até poder, pode, por ser o presidente, mas se eu fizer isso, vai sair uma “materinha” na imprensa [dizendo] que o presidente não respeitou a Lei do Silêncio. Então, para evitar isso, já que a imprensa fala muito bem de mim, eu não quero dar pretexto.

Eu quero cumprimentar a nossa querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

A minha companheira Marisa Letícia,

Os deputados federais Vicentinho e Ricardo Berzoini, presidente do PT,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Marinho, prefeito de São Bernardo,

Quero cumprimentar o Sérgio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Os prefeitos Emidio de Souza, de Osasco; Mário Reali, de Diadema; e o nosso querido Oswaldo Dias, de Mauá,

Quero cumprimentar o companheiro Meneguelli, presidente do Conselho Nacional do Sesi e ex-presidente... Você não está aqui como presidente do Sesi, mas como ex-presidente do Sindicato de São Bernardo do Campo,

[Quero] cumprimentar a nossa companheira Carmen Helena, vice-presidente da CUT nacional,

[Quero] cumprimentar o companheiro Feijóo, o companheiro Guiba, o



companheiro Paulo Vidal,

[Quero] cumprimentar o nosso querido companheiro Grana, que está aqui escondido, ao lado do Vicentinho,

[Quero] cumprimentar o nosso companheiro Lino Ezelino,

[Quero] cumprimentar o Orisson Saraiva, membro da primeira diretoria e primeiro secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos,

[Quero] cumprimentar a tia, que está aqui do meu lado, mais bonita do que nunca,

O problema de vir aqui neste sindicato é o seguinte: eu fico olhando a fisionomia das pessoas e a minha relação com muitos aqui é de mais de 30 anos. Mas não é uma relação de 30 anos, descontinuada. É uma relação continuada porque eu deixei de ser presidente do Sindicato dos Metalúrgicos em 1980, com a cassação, mas eu nunca deixei de frequentar este sindicato e sempre o tratei como se eu ainda fosse companheiro de primeira hora de todos vocês.

Então, eu vejo os companheiros... Para mim, de vez em quando, ainda esqueço, quando estou dormindo no Alvorada, eu falo: acho que eu ainda tenho que ir na porta de fábrica amanhã fazer uma assembleiazinha. Mas o tempo passa e eu não poderia... [Quero] dizer para vocês que desses 50 anos do Sindicato, eu tenho, pelo menos desde 1968, 25 de setembro de 1968, quando eu me filiei a este sindicato. Eu tenho uma relação, portanto, de quase 40 anos, direta ou indiretamente, com este sindicato. Diretamente, nos anos em que eu fui delegado na Villares; depois, nos anos em que eu fui primeiro-secretário, com o Paulo Vidal na presidência; depois, nos anos em que eu fui presidente; depois, nos anos em que eu continuei dando palpite neste sindicato aqui, sempre a convite dos companheiros que eram eleitos: Marinho, Vicentinho, Guiba e Meneguelli, e o Nobre agora vai ter essa experiência. Só dou palpite se houver concordância [que eu dê] os meus palpites, senão, eu



fico quieto.

Mas eu não poderia... eu estava vendo aqui... eu fiquei feliz quando eu cheguei aqui e vi dois companheiros históricos deste sindicato, dois inclusive, oposicionistas ferrenhos à chapa que nós fizemos em 75, companheiros com quem eu sempre tive uma extraordinária relação: o companheiro Luciano, da Ford, e o companheiro Julião, dois irmãos que faziam uma oposição ferrenha, fizeram uma chapa de oposição, em 1975. Para mim, o que é importante, e como eu prezo muito a relação de amizade, embora a gente estivesse em chapas diferentes, eu nunca perdi a relação de amizade com esses companheiros e de respeito.

Eu não poderia deixar de ver aqui três figuras que são, acho que mais velhas do que o Sindicato, do ponto de vista histórico, não de idade: dr. Maurício, dra. Nébia, dr. Possidônio, três figuras... eu acho que todos nós que passamos pela presidência, sobretudo eu, particularmente, o Paulo viveu também esse período, mas eu acho que não havia quem prescindisse destas figuras, depois... ainda no meu tempo, acompanhado pelo doutor Teles. Todo mundo ouvia o Cruz dar palpite, porque o Cruz era uma espécie de conspirador, conspirador... o Cruz ficava sempre fazendo a estratégia secreta dele.

Agora, o fato concreto é que 50 anos na vida de um sindicato não é nada. Cinquenta anos são muita coisa na vida de uma pessoa quando não se cuida, porque quando se cuida, como o Lino Ezelino e o Orisson, você percebe que os anos também passam despercebidos. Eles só tiveram dificuldade de subir a escada, um pouquinho. Mas, também, poderia fazer a escada para descer e não para subir. Ainda haveremos de inventar isso. Mas a gente percebe que 50 anos na vida de um sindicato é nada, é como se fosse um ano na vida de uma pessoa. Agora, eu estou vendo aqui muitos companheiros que pertenceram à vice-diretoria do Paulo, depois pertenceram à minha diretoria. Para a gente eleger um primeiro vereador aqui... Eu estou vendo o Mario



Ladeia, eu vi o Mario Ladeia até agora há pouco, acho que ele foi embora de cansado, porque a idade também tem esses problemas de as pessoas não conseguirem ficar em pé muito tempo. Mas o Mario Ladeia foi o primeiro vereador eleito por este sindicato, em 1968, se não me falha a memória, ou 72...68. Depois nós fizemos uma campanha para o Antenor Biolcatti. Para o Antenor Biolcatti se eleger, a gente fazia Imposto de Renda para os associados. Então, para ele ficar conhecido na categoria a gente colocava ele à mesa para fazer inscrição dos metalúrgicos que vinham aqui fazer. E ele só queria fazer a inscrição do pessoal que mora em Santo André, porque ele morava em Santo André e era candidato a vereador lá em Santo André. Eu não posso esquecer o nome do Zé Ferreira. O Zé Ferreira está aí, é aquele baixinho, gordinho, ali – não, não é este aqui, este aqui é o vereador – mas aquele velhinho ali trabalhava na Carraço, trabalhava na Carraço, na mesma fábrica que trabalhava o Frei Chico. Na verdade, não era para eu ter sido diretor do Sindicato, era o Frei Chico. Como ele não quis, o Mauro Ladeia, o Paulo Vidal e o Afonso foram me convencer de que eu deveria vir a ser diretor do Sindicato.

Bem, então, eu fico vendo as pessoas, fico lembrando, e fico imaginando quantos que a gente não está vendo aqui, mas que deram uma contribuição extraordinária para que a gente chegasse até hoje, do jeito que nós chegamos, neste sindicato. Eu estou aqui na frente do Ricardo Berzoini, que foi presidente do Sindicato dos Bancários, que foi um sindicato sempre muito avançado, sempre muito combativo, e eu estou percebendo que foram poucos os sindicatos que deram um salto de qualidade. Eu me lembro que os bancários, quando nós começamos aqui, a primeira relação que eu tive com os bancários foi em 1978, com o companheiro Augusto, que era candidato a presidente do Sindicato dos Bancários. Travei uma relação de amizade, com o Augusto, extraordinária, uma relação em que a gente era quase irmão de briga. De lá para cá, eu acho que os Sindicatos dos Metalúrgicos e dos Bancários



trabalham muito juntos. O dos Bancários, certamente, fundado há muito mais tempo do que o Sindicato dos Metalúrgicos. Mas não é demérito para nenhum sindicato, não é demérito, nenhum companheiro veja isso como demérito. Mas a verdade é que não tem nenhum sindicato no Brasil que adotou a prática democrática que este sindicato adotou. A verdade é que este sindicato nasceu forte, ele nasceu muito forte. Nasceu forte porque aqui também nasceu o que tinha de mais moderno e avançado na classe operária brasileira, que eram os trabalhadores ligados à indústria automobilística. E obviamente que está muito ligado, muito ligado à grandeza de um sindicato, à grandeza da importância econômica da categoria que ele representa, a não ser que o dirigente sindical seja muito pelego e não queira fazer a diretoria do sindicato avançar.

Mas, imaginem o que é extraordinário – quando a gente vê, dentro da fábrica, companheiros que a gente chama para vir a uma assembleia e eles não vêm porque tiveram compromisso – imaginem dois companheiros com mais de 80 anos, que frequentam este sindicato desde que este sindicato foi criado, em 1959. É uma vida inteira. O Lino participou de muitas assembleias aqui, quando eu era presidente do Sindicato. Depois participou de outros atos, quando outros companheiros estavam no Sindicato, e era sempre homenageado como o sócio número um. Isso era motivo de desencanto para muitas pessoas, que às vezes ficam sócias um tempo, mudam de categoria, vão embora e não voltam mais. São pessoas dessa estirpe que fazem com que a gente acredite que existe diferenciação entre os seres humanos.

Todos nós somos formados da mesma essência, mas tem pessoas que têm mais disposição de luta, mais caráter, mais força de vontade do que outras. São pessoas assim que lutam a vida inteira, e só param de lutar no dia em que morrem. Quando morrem, fica um legado histórico que continua, ainda, servindo de exemplo para muita gente. É assim que a gente deveria se espelhar e contar essas histórias para que outras pessoas vissem como as coisas aconteceram.



Eu digo sempre o seguinte: um filho, quando chega à mesa para almoçar ou para jantar, que ele reclama da comida que a mãe coloca na mesa, que está faltando isso ou não está gostosa, ele não tem a menor dimensão ou o menor capricho de perguntar para a mãe qual o sacrifício que ela teve para fazer aquela comida, qual a quantidade de tempero que ela teve para fazer aquela comida. Ele só se senta e acha que está faltando alguma coisa. Muitas vezes, nós somos gananciosos, muitas vezes a gente esquece as vírgulas que a gente conquistou. Hoje, por exemplo, eu estava em Campinas inaugurando uma unidade da Petrobras, e tinha lá 14 jornalistas e 16 jornalistas [mulheres], e me chamou a atenção a quantidade de mulheres. Eu falei: eu espero que a maioria das mulheres que estão trabalhando aqui, não seja por causa do menor salário que as mulheres estão ganhando. E lembrei a elas, Paulo, que foi exatamente em 1976 que este sindicato aqui conquistou o salário substituto. A primeira vez... Nós brigamos... 1976, são quase 33 anos, e ainda hoje não é cumprido na maioria das empresas. Mas não é cumprido. Trabalho igual, salário igual, seja homem, seja mulher. No nosso tempo aqui, Paulo, mulher não trabalhava como soldadora. Hoje eu fui visitar uma termelétrica em Cubatão, e a primeira coisa que eu fiz foi me encontrar com 18 meninas soldadoras. Antigamente era uma profissão de homem, e de homem bruto, porque tinha insalubridade, porque se aposentava... Agora as mulheres estão sendo soldadoras. Nós, meu caro, estamos perdendo espaço e elas, que parecem mais franzinas, estão ocupando os espaços. É uma pena que essas conquistas todas chegaram tão tarde, porque eu já estou aposentado e não vou ter o prazer de ficar em casa e ver a Marisa trabalhando para me sustentar.

De qualquer forma, eu acho que a história deste sindicato é uma história de glória. Eu queria pedir para o companheiro Nobre e para a meninada que está na porta da fábrica... Vocês têm direito... É próprio da classe trabalhadora, é próprio da luta de classe, que cada conquista que a gente tenha, que cada conquista que a gente obtenha, que a gente vá querer mais uma no ano



seguinte. É próprio da natureza humana. Agora, é importante a gente querer sempre uma a mais sem esquecer das conquistas que nós já tivemos, porque senão a gente pode perder o que nós já conquistamos, por esquecimento.

É verdade que a gente ainda não tem muita organização dentro das fábricas, mas é verdade também que de vez em quando nós temos que questionar quantos dirigentes sindicais dão importância para a organização dentro das fábricas. Quantos? Também tem muito dirigente, Nobre, que não quer que a peãozada se organize dentro das fábricas não, porque peão organizado vira politizado, peão organizado começa a ter consciência e quer ocupar o lugar do dirigente. Então, muitas vezes, os dirigentes também não têm interesse de formar as pessoas, de politizar as pessoas e de ter muita organização dentro das fábricas.

Aqui neste sindicato nós não conquistamos a organização que nós temos por lei, não. Aqui, eu me lembro, quando a Volkswagen... O Sauer, em 1980, quando eu estava cassado, inventou uma comissão de fábrica para tentar desmoralizar a diretoria do Sindicato. E de companheiros nossos – porque a gente também acha que a gente não tem adversários – companheiros nossos, inclusive companheiros da ferramentaria da Volkswagen aceitaram prestar um serviço para a Volkswagen achando que a comissão da Volkswagen iria derrotar a diretoria. A gente estava fora do Sindicato, produzindo um material em um mimeógrafo emprestado, lá no Sindicato da Construção Civil. Está aqui o Nelsão que ia rodar mimeógrafo lá, sujar as mãos, para a gente entregar de manhã. E eles não conseguiram. Não conseguiram porque eles acertavam com a Volkswagen, a gente ia na porta da Volkswagen e desmontava.

Então, eu quero dizer, Meneguelli, que depois que vocês assumiram o Sindicato – você, Vicentinho, Guiba, Marinho, Feijóo – a conquista que vocês tiveram, do ponto de vista da organização do Sindicato, é uma conquista que os outros sindicatos brasileiros deveriam adotar. Eu me lembro de que, quando



nós montamos a primeira diretoria da CUT, estava cheio de diretores da CUT que não pagavam a CUT. Está cheio de gente que é boa do gogó para fora, mas na hora do “pega para capar”, o cara esquece. Uma coisa é aquela que a gente aprende: “faça o que eu faço”... Não. “Faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço”.

Se a gente olhar, no Brasil, a gente percebe que houve uma evolução extraordinária em algumas categorias. Em outras, as pessoas continuam sem avançar. Companheiros, eu vou lhes contar uma história. Eu entrei neste sindicato como delegado de base. Em 1969 eu tomei posse, no dia 24 de abril de 1969 eu tomei posse como delegado sindical. Naquele tempo, já tinha dirigente sindical que hoje ainda continua na direção do Sindicato.

Eu estou dizendo isso porque tem uma parte do processo que depende de nós. Depende de nós, depende da nossa crença, da nossa força de vontade, da nossa disposição de fazer as coisas. Se ficar achando que a Ford ia dar a comissão de fábrica... Quantas vezes o Betão foi mandado embora? Quantas vezes o Feijóo foi mandado embora, até a gente conquistar a comissão de fábrica? Quantos cadeados a gente teve que arrancar ali, com caminhão, na porrada? As pessoas acham que foi de graça. As pessoas acham que ter comissão de fábrica, comitê, para o local de trabalho na Volkswagen, na Ford, na Mercedes e em tantas outras empresas foi uma coisa que um dia o patrão acordou bonzinho e deu. Deu lhufas, lhufas. Foi conquista, conquista de trabalhadores anônimos, que muitas vezes perderam o emprego. Não estão aqui no meio de nós porque, certamente, não tiveram maturidade ou solidariedade para continuar na luta, mas eles foram responsáveis por isso. Isso são os 50 anos deste Sindicato. Figuras extraordinárias.

O companheiro Afonso precisa ser reconhecido, pelo seguinte: primeiro, ele foi injustamente, injustamente perseguido na década de 70. O Paulo estava, o Nelson estava, o Rubens estava, não sei se o Cavinato estava, em uma assembleia no Cine Anchieta, quando o Afonso pediu um minuto de





silêncio pelos presos políticos. Sabem quem estava presa? Dilma Rousseff. Com quantos anos, Dilma? Com 20 anos. O minuto de silêncio que o Afonso pediu em homenagem aos presos políticos envolvia a Dilma, uma menina com 20 anos de idade, que acreditava na utopia de que os militares estavam fazendo mal para o País, e queria, democraticamente, chegar ao poder. Não muito democraticamente. E não foi apenas presa, não. Ela foi torturada. Qual é a vantagem dela? Um dia desses eu descii com ela no quartel do 2º Exército, em um helicóptero, e ela ficou olhando, olhando, e falou: “Presidente, engraçado. Eu fui presa aqui, mas eu não tenho mágoa, eu não tenho rancor. Aquilo foi um processo, passou. Nós estamos em outro processo”.

O Afonso, depois, cumpriu um segundo papel importante, porque o Murilo Macedo era ministro do Trabalho, e ele andou vasculhando para ver se encontrava um cara para substituir a diretoria cassada. Tentou, até que o dr. Maurício me trouxe uma informação, dita pelo Joaquinzão ao companheiro do Sindicato (incompreensível) de Santo André, se não tinha uma pessoa – Parmeziani – se não tinha uma pessoa aqui que eu confiava e que eu indicasse para assumir a presidência do Sindicato. Eu peguei... O Afonso estava na Scania, e eu fui atrás do Afonso. Eu falei: Afonso, tem um papel difícil para você, meu filho. “Qual é?” Ser interventor do Sindicato. Ser interventor, e indicado pelo Ministro do Trabalho. O Afonso: “Não, mas eu estou bem”. Porque ele estava bem. Depois da perseguição toda, ele voltou, estava trabalhando na Scania, estava bem. O Afonso era um cara tranquilo. Até para tomar um copinho de cachaça normal, ele demorava uma hora no balcão, degustando a bichinha. Eu sei que aqui está o irmão do Afonso, está a família do Afonso, mas era assim. Era aquele cara tranquilo. Para falar boa noite, ele falava “b-o-a n-o-i-t-e”, com aquele jeitão de nordestino dele, tranquilo. Foi um trabalho convencer o Afonso para vir ser interventor. Aí precisava de quatro, aí fomos atrás do Ferreirinha: Ferreirinha, você precisa ser interventor também. “Mas eu?” Não, você vai ser interventor também. Aí fomos atrás do Janjão. O



Janjão tinha um problema porque ele era filiado ao PT, e não podia. Eu não queria que soubessem que ele era do PT. Fizemos o Janjão se desfiliar do PT. Se desfilou, e estão lá o Zé Ferreira, o Janjão, o Toninho da Brastemp, que era o único que eu não conhecia, que era o único que foi indicado, mas logo foi ganho por nós. Logo (incompreensível) o governo Murilo Macedo, e virou um grande companheiro nosso aqui.

Então, eu acho que esse gesto de alguém que foi perseguido neste sindicato, aceitar ser interventor para cumprir uma tarefa, essa é uma atitude nobre, porque nem todo mundo aceitaria fazer uma coisa dessas.

O dia de hoje é importante pelo seguinte: o dia de hoje lembra o dia 12 de maio, também, de 1978. A retomada das greves dos operários, depois da greve de Contagem, começou pela Scania-Vabis, hoje Saab-Scania. Nem sei se é mais, muda de nome todos os dias a Scania. Mas foi ali, sob a liderança do companheiro Gilson, que não sei se está aqui, sob a liderança do companheiro Severino, que era secretário-geral, sob a liderança de quase 2 mil trabalhadores, gente da mais alta qualidade. Aí pipocou o movimento que terminou nisso que vocês estão vendo: o amigo de vocês aqui, presidente da República do País.

Eu tenho... General, prepare o carro, ligue o motor que eu vou sair daqui e não vou nem me despedir de ninguém. Queria dizer para vocês o seguinte: eu quero que vocês saibam que não existe possibilidade de um homem sozinho chegar onde eu cheguei. Isso é importante que cada um tenha clareza. Quem perder a humildade, quem deixar de estabelecer uma relação de companheirismo, é como aquele jogador que recebe um passe na boca do gol, marca o gol, sai correndo e não cumprimenta ninguém, nem o cara que deu o passe para ele. Eu, não. Eu tenho clareza de que se não fosse a peãozada deste país, do campo e da cidade, se não fosse o movimento social, se não fosse o movimento popular, eu não teria chegado onde cheguei. Eu cheguei, porque tem uma coisa importante: nós organizamos um partido, organizamos



uma central, e me fizeram chegar até aqui. Eu devo isso ao Anacleto Potomatti, eu devo isso ao Lino, devo isso ao nosso companheiro primeiro diretor, devo ao Paulo Vidal, devo isso ao Nelson (incompreensível), ao Rubens, ao meu irmão Frei Chico, que depois foi ser vice-presidente do Sindicato de São Caetano, devo isso a cada metalúrgico anônimo, que eu nem sabia que era metalúrgico, mas que estava na porta de fábrica trabalhando.

Então, eu acho que vocês podem ter a certeza do seguinte: se tem uma categoria ou um trabalhador que tem que ter orgulho do seu sindicato porque completou 50 anos, esses são vocês. Na verdade, quando o Obama falou “Lula, você é o cara”, na verdade, ele pediu para eu falar para vocês: metalúrgicos, vocês são os caras.

Meus parabéns e feliz aniversário para o Sindicato.

(\$211A)